## Décio Pignatari

## A mente e o ícone (1)

Dias atrás, bebericando, conversei durante duas horas sobre a vida e a obra de Oswald de Andrade, com o Ruy Castro e a Marilia Pacheco Fiorillo, desta Folha, que estavam preparando matérias para lembrar os trinta anos da morte daquele poeta-pensador (e não sociólogo, filósofo ou ideólogo, nos sentidos correntes), que foi o primeiro a formular, com a sua Antropofagia Cultural, de 1928, uma proposta moderna e prospectiva para a descolonização da

cultura brasileira. E há dois dias, aqui mesmo na Ilustrada, Osvaldo Peralva lem-

brava, muito oportunamente, as instigantes vinculações entre Oswald e o movimento Dadá, em geral, e entre Oswald e Francis Picabia, de modo especial (até fisicamente se assemelhavam). De dois em dois, chegamos aos três: amanhã, no Teatro Municipal de São Paulo, o maestro Júlio Medaglia vai reger uma peça de Erik Satie, em homenagem a Oswald. Eis aí um bom trio: Satie-Picabia--Oswald. Um trio de "dadaístas" (vá a expressão entre aspas, já que Dadá, querendo acabar com todos os "ismos", recusava-se a ser um "ismo" a mais), dando cobertura a

literatura — sob a égide de um artista-ideólogo maior que explodiria nos anos 60: Duchamp.

Dadá perguntava-se: que quer Dadá? Uma resposta possível, hoje: Dadá queria o grau zero dos signos, a reversão dos signos à vida. Tratava-se de um saneamento cultural básico, ainda hoje válido para neutralizar a chatice de artistas médios e mediocres que se põem a discursar sobre as profundas relações de suas artes com a vida... Oswald foi, assim, o nosso primeiro antiartista, um cubo-dadaísta sempre entre a construção e (icônica), especialmente no Ocia destruição (ou desconstrução, se dente, particularmente depois da quiserem). Basta dizer que come- invenção da escrita alfabética e çou a ser poeta aos 34 anos de especificamente em função da ex-

três artes - música, pintura, visual: o cinema, a pintura, a paisagem.

tada pelos mutantes gregos que se "As crianças não enlouquecem", chama lógica, cujo dispositivo nuregistrou Oswald em seu diário, no clear se chama predicação (sujeifim da vida. E entro no tema que a to/ predicado/objeto), dispositivo Marília Fiorillo abordou, aqui este de inconcebível potencial desmesmo na Ilustrada (10/10/84). trutivo-construtivo quando ligado qual seja: loucura e criatividade. ao verbo ser e/ou ao encadeamento Ou mais especificamente: os artishipotático (oração principal e oratas e as suas "manias depressições subordinadas). Ora, a língua vas". Tema banal, que se presta a materna arma-nos para uma certa muito blá-blá-blá. Mas há nele um leitura do mundo — e nos desarma viés para o qual pouco se atentou: para outras leituras possíveis. Essa o da linguagem, ou signagem. Digo lógica que vivifica as línguas ocique na mente humana há um dentais (e é por elas vivificada) é conflito perene entre a signagem necessariamente ideológica (imverbal e a signagem não-verbal plica um certo retrato do mundo) e teleológica (visa a uma finalidade). Derivam daí os critérios de verdade e de objetividade que fazem a nossa cabeça. Eis porque idade. E o seu segundo código foi pansão da cultura alfabética escriem todas as instâncias estamos

ta, na qual está embutida essa sempre nos defrontando com a fantástica máquina infernal invennecessidade de concluir, finalizar, objetivar. Eis porque Flaubert queixava-se da "maldita mania de querer concluir".

Costumo dizer aos meus alunos que não irão muito longe em matéria de Oriente se se puserem simplesmente a praticar ioga, ler Hermann Hesse ou empreender viagens plurais a Katmandu. Compreenderão um pouco melhor o orientês se conseguirem eliminar o verbo ser de suas cabeças, exercício um tantinho mais difícil do que aquelas três opções juntas. Não por acaso, Robert Oppenheimer, o pai da bomba atômica, ao interessarse pela filosofia hindu, não se pôs a praticar ioga ou macrobiótica, mas sim a estudar sânscrito, de onde, ironicamente, partiram os gregos